

GRADUALIDADE NA GRAMÁTICA DISCURSIVO-FUNCIONAL: O CASO DA FORMA PERIFRÁSTICA *AINDA ASSIM*

MICHEL GUSTAVO FONTES¹

RESUMO: Este trabalho analisa, com base no aparato teórico-metodológico da Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), a estrutura composicional, o estatuto léxico-gramatical e o funcionamento discursivo da forma perifrástica *ainda assim* no português contemporâneo. A partir do mapeamento de propriedades funcionais e formais, defende-se que *ainda assim* corresponde a uma forma semifixa de estatuto lexical e que subjazem a seu uso duas propriedades discursivo-pragmáticas: a sequenciação retroativo-propulsora (TAVARES, 1999; 2000) e a marcação de adversidade (SCHWENTER, 2000). Isso faz com que, na GDF, represente-se *ainda assim* como um modificador adversativo de estrutura interna complexa (FONTES, 2016) do Nível Interpessoal, codificado, no Nível Morfossintático, por um padrão semifixo (KEIZER, 2013). Tais considerações analíticas implicam algumas revisões no modelo da GDF, principalmente no tocante à representação da gradualidade na emergência de formas perifrásticas via lexicalização (BRINTON; TRAUGOTT, 2005).

Palavras-chave: gradualidade; estruturas semifixas; Gramática Discursivo-Funcional.

ABSTRACT: Based on Functional Discourse Grammar model (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), this paper analyzes, in contemporary Portuguese data, the compositional structure and the discursive functions of the periphrasis *ainda assim*. Considering functional and formal properties, it is argued that *ainda assim* corresponds to a semifixed form with lexical status and that two pragmatic properties underlie its use: retroactive-propeller sequenciation (TAVARES, 1999; 2000) and adversity meaning (SCHWENTER, 2000). In FDG, *ainda assim* is represented, in the Interpersonal Level, as an adversity modifier with complex internal structure (FONTES, 2016) and it is coded, in the Morphosyntatic Level, as a semi-fixed template (KEIZER, 2013). Such analytical considerations imply some revisions in FDG model, especially regarding the representation of graduality in the emergence of periphrastic forms via lexicalization (BRINTON, TRAUGOTT, 2005).

Keywords: graduality; semifixed forms; Functional Discourse Grammar.

INTRODUÇÃO

Ancorado na abordagem modular e estratificada dos elementos linguísticos própria da Gramática Discursivo-Funcional (doravante GDF), de Hengeveld e Mackenzie (2008), este artigo oferece uma descrição da forma perifrástica *ainda assim* no português contemporâneo (cf. (1)), buscando meios de apreender e de

¹ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Mato Grosso do Sul, MS, Brasil. michelfontes2002@yahoo.com.br, <http://orcid.org/0000-0003-2376-8648>

representar sua constituição estrutural interna, seu estatuto léxico-gramatical e seu funcionamento discursivo.²

- (1) Mário de Andrade fez uma tiragem de 800 exemplares de Macunaíma e, *ainda assim*, guardava um monte deles em sua casa. (19Or:Br:Intrv:ISP)

Norteiam essa proposta de descrição dois objetivos específicos: (i) mapear propriedades funcionais e formais subjacentes ao uso de *ainda assim*, e (ii) propor, a partir desse mapeamento, uma representação dessa forma conforme o modelo da GDF.

Em relação ao objetivo (i), que parte da própria organização descendente do modelo da GDF e se ajusta a seu propósito central de estabelecer correlações regulares e sistemáticas entre aspectos pragmáticos e/ou semânticos e fenômenos morfossintático e/ou fonológicos, opta-se, metodologicamente, por:

- (a) reconhecer, como propriedades funcionais, os aspectos pragmáticos e/ou semânticos envolvidos na formulação de uma expressão linguística; no caso de *ainda assim*, a análise busca determinar seus significados discursivo-pragmáticos e suas relações de escopo, em termos de níveis e camadas que compõem a GDF;
- (b) por propriedades formais, são tomados os traços morfossintáticos associados à codificação de *ainda assim*, de modo a: (I) caracterizar a natureza estrutural e/ou composicional (se fixa, ou semifixa) de *ainda assim*; (II) determinar seu estatuto categorial; e (III) representar tal forma no Nível Morfossintático.

Por sua vez, a proposição do objetivo (ii) está motivada pelos diferentes tratamentos dispensados à forma *ainda assim* em trabalhos de descrição linguística. Seguindo uma perspectiva mais composicional, Ferreira (2011) considera *ainda assim* como duas partículas justapostas que preservam, distintamente, suas funções: *ainda* atua como uma partícula contrastiva de reforço, sinalizando a ideia de contraposição, e *assim* atua como elemento anafórico, retomando algo previamente mencionado.

Já Lopes-Damasio (2011), numa abordagem não-composicional, trata *ainda assim* como forma com certo grau de fixação interna. Para a autora, *ainda assim* é variante de *mesmo assim*, e ambas integram um padrão (*P, mesmo assim Q* ou *P, ainda assim Q*) que apresenta, no português atual, um valor contrastivo.

Assume-se aqui a posição de que *ainda assim* se encontra a meio caminho entre uma forma fixa ou não-composicional (cf. LOPES-DAMASIO, 2011) e uma forma não-fixa ou composicional (cf. FERREIRA, 2011). Parte-se, então, da hipótese de que *ainda assim* não perdeu totalmente sua composicionalidade e de que sua estrutura interna não se encontra totalmente fixada. Com base em Keizer

² Este artigo revisa alguns resultados apresentados em Fontes (2016). Parte desse trabalho foi realizada com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

(2013), defende-se que *ainda assim* corresponde a uma expressão semifixa (ou construção mista) do português.

Esse posicionamento levanta um questionamento em relação ao arcabouço teórico-metodológico da GDF: como representar, no âmbito desse modelo, estruturas semifixas, isto é, formas perifrásticas que se caracterizam por uma estrutura composicional marcadamente gradual e que se encontram em um estágio intermediário de lexicalização (BRINTON; TRAUGOTT, 2005)? A proposta mais central desta investigação é, portanto, oferecer uma abordagem hierárquica da gradualidade de formas em processo de lexicalização.

Para tanto, este trabalho vale-se de ocorrências reais de uso de *ainda assim*, extraídas do *Corpus do Português* (DAVIES; FERREIRA, 2006),³ e estrutura-se da seguinte maneira: primeiramente, apresenta-se, sucintamente, o modelo da GDF; em seguida, são mapeadas as propriedades funcionais e formais da forma *ainda assim* para, então, propor uma análise, sob a ótica da GDF, dessa forma. As considerações finais ressaltam as implicações teóricas que tal análise traz para o modelo.

1. A GRAMÁTICA DISCURSIVO-FUNCIONAL

Concebida no interior de uma teoria mais geral da interação verbal, a GDF corresponde ao Componente Gramatical, que se articula a três componentes não-verbais: o Componente Conceitual, o Componente Contextual e o Componente de Saída. Buscando uma implementação dinâmica do Componente Gramatical (isto é, da GDF), Hengeveld e Mackenzie (2008) reconhecem dois processos envolvidos na produção de uma expressão linguística: a *formulação*, cuja tarefa é converter representações conceituais em representações pragmáticas e semânticas, e a *codificação*, cuja tarefa é dar uma estrutura formal (morfofossintática e/ou fonológica) a representações pragmáticas e semânticas.

A formulação sustenta os dois primeiros níveis de análise do modelo: o Interpessoal e o Representacional. O Nível Interpessoal capta distinções linguisticamente marcadas que agem no gerenciamento do canal interativo e/ou comunicativo estabelecido entre os participantes da interação verbal. Em sua estruturação, são reconhecidos aspectos retóricos, tendo em vista que o falante organiza seu discurso a partir do objetivo comunicativo que deseja atingir junto ao ouvinte, e aspectos pragmáticos, já que o falante também molda sua mensagem a partir de expectativas com relação ao estado mental do ouvinte.

Em (2), dispõem-se as camadas que compõem esse nível: o *Movimento* (M), camada mais alta, contém um (ou mais) *Ato Discursivo* (A); o Ato pode ser constituído de uma *Ilocução* (F), dos *Participantes* (P) – *Falante* ((P₁)_S) e *Ouvinte* ((P₂)_A) – e de um *Conteúdo Comunicado* (C), que, por sua vez, contém *Subatos de Referência* (R) e/ou de *Atribuição* (T).

³ Trata-se de *corpus* que reúne 57 mil textos, com mais de 45 milhões de palavras em sua totalidade, e que contempla as variedades do português brasileiro e europeu, nos registros oral e escrito, num período entre os séculos XIII e XXI. Disponível *online* em: <https://www.corpusdoportugues.org/>.

$$(2) \quad (M_1: [(A_1: [(F_1) (P_1)_S (P_2)_A (C_1: [(T_1)_{\{\Phi\}} \dots (T_{1+N})_{\{\Phi\}} (R_1)_{\{\Phi\}}] (C_1)_{\{\Phi\}}]) (A_1) \dots (A_{1+N})_{\{\Phi\}}] (M_1))$$

Já o Nível Representacional lida com as propriedades semânticas envolvidas na formulação de uma expressão linguística. Por semântica, compreende-se: (i) o modo como as diferentes línguas fazem referência ao mundo extralinguístico que descrevem, e (ii) os significados de unidades lexicais e de unidades complexas isolados de seu uso na comunicação. Ao organizar o Nível Representacional, as categorias semânticas são distinguidas em termos ontológicos, conforme apresenta (3): o *Conteúdo Proposicional* (p), camada mais alta desse nível, pode conter um ou mais *Episódios* (ep), que são compostos de Estados-de-Coisas coerentemente relacionados em termos de tempo, espaço e indivíduo. Um *Estado-de-Coisas* (e), por sua vez, se organiza em termos de *Propriedade Configuracional* (f^c), no interior da qual se reconhece a *Propriedade Lexical* (f).

$$(3) \quad (p_1: [(ep_1: [(e_1: [(f_1^c): [(f_2^n(x_1)_{\Phi} \dots (x_{1+n})_{\Phi}](f_1^c)) \dots (f_{1+n}^c)(e_1)_{\Phi}]) \dots (e_{1+n})_{\Phi}]) (ep_1)) \dots (ep_{1+n})_{\Phi}](p_1))$$

A operação de codificação, por sua vez, edifica os níveis responsáveis pela estruturação formal da expressão linguística: o Morfossintático e o Fonológico. O Nível Morfossintático toma a *input* proveniente da formulação e o converte em estruturas morfossintáticas como as dispostas em (4): *Expressão Linguística* (El), *Oração* (Cl), *Sintagma* (Xp), que pode ser Nominal (Np), Adjetival (Adjp), Verbal (Vp) ou Adverbial (Advp), e/ou *Palavra* (Xw), que pode ser Lexical (Lw) ou Gramatical (Gw).

$$(4) \quad (El: [Cl: [(Xw) (Xp: [(Xw) (Xp_2) (Cl_2)] (Xp_1)) (Cl_3)] (Cl_1)]) (El_1))$$

O Nível Fonológico, por fim, encarrega-se de oferecer representações fonêmicas baseadas em oposições fonológicas binárias. Esse nível toma o *input* proveniente dos outros três níveis e provê *input* para a articulação, sob responsabilidade do Componente de Saída.

Cada uma dessas operações e cada um desses níveis são ‘alimentados’ por elementos denominados de primitivos. A formulação, de interesse mais relevante para este trabalho, abarca três processos interligados: (i) a seleção de *moldes* (ou *frames*) para os níveis Interpessoal e Representacional; (ii) a seleção de Lexemas apropriados a esses moldes; (iii) e a aplicação de operadores simbolizando distinções gramaticais. Para cada um desses processos, um conjunto de primitivos está disponível:

- (i) *moldes* são as combinações possíveis de elementos para cada uma das camadas que integram os níveis da formulação. No interior dos moldes, distinguem-se o **núcleo**, primitivo de natureza lexical e peça de informação central do molde, e

- a **função**, estratégia altamente gramatical e relacional, vinculando, semântica ou pragmaticamente, unidades linguísticas;
- (ii) dentro dos moldes, podem também ser inseridos **modificadores**, estratégias lexicais que restringem a denotação ou a evocação de uma camada, ou **operadores**, expressões gramaticais que especificam o conteúdo designado ou evocado por uma camada.

Em suma, deve-se destacar que a GDF, seguindo os princípios da vertente funcionalista, pretende, de modo mais geral, oferecer uma descrição linguística que explica o uso da língua e, desse modo, captura as propriedades formais das unidades linguísticas e as descreve em termos da intenção comunicativa com que são produzidas.

2. A FORMA PERIFRÁSTICA *AINDA ASSIM*: PROPRIEDADES FUNCIONAIS E FORMAIS

2.1. Propriedades funcionais de *ainda assim*

Assume-se que a forma perifrástica *ainda assim* é usada, na formulação de uma expressão linguística, para sequenciar e articular segmentos textuais, estabelecendo entre eles uma relação adversativa. Dessa forma, subjazem, ao uso de *ainda assim*, duas propriedades discursivo-pragmáticas: (i) a sequenciação retroativo-propulsora, conforme define Tavares (1999; 2010); e (ii) a marcação de adversidade (cf. SCHWENTER, 2000; LANG, 2000) e/ou de contraexpectativa (cf. HEINE *ET AL*, 1991). A partir das ocorrências em (5), esta seção busca caracterizar essas duas propriedades associadas à forma *ainda assim*.

- (5) a Foi só depois de comendador que Teodoro se sentiu vexado daquela habitação e se mudou para um segundo andar da rua da Candelária, que mobiliou a vinhático, com exuberância de cromos pelas paredes. **Achou, *ainda assim*, que à sua casa alegre faltava qualquer coisa.** Viera-lhe a dispepsia. Que insônias! (19:Fic:Br:Lopes:Falência)
- b A sua pronúncia nasalada, os seus cabelos alourados, as suas luvas com punhos até os cotovelos foram suficientes para não lhe pedirem os documentos; ***ainda assim*** teve que assinar a transferência; meteu o dinheiro na bolsa. (19:Fic:Br:Vieira:Mais)

Segundo Tavares (1999; 2010), conectivos como *e*, *ai* e *então*, exemplificados em (6), introduzem uma nova informação no discurso e, ao mesmo tempo, sequenciam-nas, ou seja, tais conectivos estabelecem uma ponte entre o enunciado que prefaciam e o enunciado anteriormente expresso, sinalizando que a base informativa para se compreender o segmento que prefaciam está no segmento anterior. Trata-se do que a autora define como *sequenciação retroativo-*

propulsora, que, responsável pela concatenação de segmentos textuais, atua sobre a construção da cadeia coesiva que relaciona e articula as partes que compõem um texto/discurso.

- (6) eu jogo bola ... o primeiro campeonato que eu fui foi aqui mesmo na rua ... quem tava jogando era eu e loamir ... contra klibson e welton ... **então** foi expulso loamir **aí** ficou só klibson e welton ... **aí** eu joguei sozinho ... e nós ganhamos de um a zero ... **então** fomos pras semifinais e ganhamos de dois a zero ... e foi pra final e ganhamos nos pênaltis ... (TAVARES, 2010, p. 196, grifos do autor)

Observa-se, então, que, conforme pontua Tavares (1999; 2010), a sequenciação retroativo-propulsora se instaura, no texto/discurso, a partir de dois movimentos simultâneos: o de retroagir, que direciona a atenção do ouvinte para porções anteriormente situadas no texto/discurso, e o de propulsionar, que dirige a atenção do ouvinte para a continuidade do texto/discurso, para seu(s) segmento(s) subsequente(s). Desse modo, conectores retroativo-propulsores gerenciam a expectativa de que uma nova informação será acrescentada ao fluxo textual-discursivo em consonância com o que já foi exposto (TAVARES, 1999, p. 19).

De modo similar aos conectivos em (6), o uso de *ainda assim*, nas ocorrências em (5), instaura esse tipo de movimentação discursiva, isto é, faz com que a atenção do ouvinte se direcione para trás no texto, retomando o segmento textual precedente, e, também, assinala para o ouvinte a adição ou introdução de um novo enunciado, agindo, assim, na progressão e/ou no sequenciamento das informações textuais.

Em (5a), por exemplo, *ainda assim* instaura um movimento propulsor ao sinalizar a introdução da informação *achar que à sua casa alegre faltava qualquer coisa*; ao mesmo tempo, num movimento retroativo, remete ao enunciado anterior, em que se descreve o modo como *Teodoro mobiliou sua nova residência*, base para a compreensão da nova informação inserida. O mesmo se aplica a (5b): *ainda assim* estabelece uma ponte entre o enunciado que prefacia e o anteriormente expresso, isto é, sinaliza o acréscimo do enunciado *ter que assinar a transferência* e a retomada do segmento anterior *não lhe pedirem os documentos*.

De acordo com Tavares (2010, p. 203), o movimento retroativo-propulsor pode gerar alguns matizes de significado, isto é, “efeitos contextuais que podem ser atingidos a partir de vários indícios: o que foi dito antes, o que se seguiu, inferências e implicaturas em jogo no momento da interação.” As ocorrências em (5) demonstram que a sequenciação retroativo-propulsora assinalada por *ainda assim* não se dá de forma neutra, mas conecta os segmentos articulados num relação contrastiva ou adversativa.

Com base nas sentenças em (7), Schwenter (2000) distingue *contraste* e *adversidade*: *contraste*, enquanto habilidade cognitiva associada ao sistema de expectativas, diz respeito à percepção de diferenças entre entidades que são comparáveis em alguma dimensão; já a *adversidade*, uma noção puramente

linguística, envolve oposição entre pontos de vista, construída conforme se faz uso da língua/linguagem (cf. SCHWENTER, 2000, p. 259).

- (7) a John is short and he's a good basketball player. (SCHWENTER, 2000, p. 259)
- b John is short but he's a good basketball player. (SCHWENTER, 2000, p. 260)

Em (7a), há, segundo o autor, manifestação indireta de contraste: a conjunção *and* não assinala explicitamente essa noção, mas conecta dois segmentos que, dentro do que se espera em termos de prática de basquete, contrastam entre si. Já em (7b), o uso da conjunção *but* marca explicitamente a incompatibilidade entre as ideias ali assertadas, o que leva o autor a concluir que a adversidade “tipicamente fornece marcação explícita de conflitos entre diferentes pontos de vista” (SCHWENTER, 2000, p. 260).⁴

À luz da proposta de Schwenter (2000), entende-se que *ainda assim*, nas ocorrências em (5), constitui expressão linguística de adversidade, isto é, uma marca formal explícita de confronto entre ideias. Corrobora esse posicionamento se considerar, junto a Lang (2000, p. 246), que a forma *ainda assim*, ao articular segmentos textuais num movimento retroativo-propulsor, sinaliza que “a afirmação prestada pelo segundo segmento está em contraste com uma suposição que pode ser lida ou inferida a partir de informações anteriores.”⁵

Em (5a), por exemplo, a afirmação de *Teodoro achar que à sua casa alegre faltava qualquer coisa* se opõe, de certa maneira, a suposições geradas a partir da descrição anteriormente situada (a de a casa ser *mobiliada a vinhático, com exuberância de cromos pelas paredes*), ou melhor, a descrição da casa, tão enfaticamente construída no segmento textual anterior, faz pressupor o contentamento de Teodoro com sua nova morada, o que é confrontado pelo conteúdo proposicional expresso pela oração escopada por *ainda assim*. Em (5b), por outro lado, *assinar a transferência* é uma porção informacional conflitante com a porção preliminar do texto, especificamente de *não lhe pedir os documentos*, uma vez que o fato de *assinar a transferência* vai contra suposições ou expectativas geradas a partir do que se dispõe anteriormente no texto.

O uso de *ainda assim* instaura, portanto, uma clara quebra de expectativa: os diferentes segmentos por ele articulados apontam para conclusões diferentes, com pesos argumentativos também distintos (cf. LONGHIN, 2016, p. 267). Nos termos de Heine *et al* (1991), pode-se defender que *ainda assim* instaura quebra de expectativa ao (i) implicar uma comparação entre aquilo que é afirmado e aquilo que se encontra pressuposto e, assim, (ii) relacionar o que se afirma ao mundo de pressuposições e de expectativas, assinalando que aquilo que se afirma está

⁴ No original: “it typically provides explicit marking of clashes between different viewpoints.” (SCHWENTER, 2000, p. 260)

⁵ No original: “the assertion rendered by the second clause is in contrast to an ASSUMPTION that either may be read off, or must be inferred from, previous information.” (LANG, 2000, p. 246)

em desacordo com o que se espera ou se pressupõe. A ocorrência em (8) ajuda a corroborar essa defesa em relação à marcação linguística, por parte de *ainda assim*, de adversidade e de quebra de expectativa.

- (8) Lídia olhava a cena com secreta alegria. Briga de mulheres era uma coisa baixa, quase sempre abjeta; **mas, ainda assim, a atraía, irresistivelmente.**
(19:Fic:Br:Rodriguez:Destino)

Em (8), a afirmação de que *briga de mulheres atrai a Lidia irresistivelmente* quebra, de alguma maneira, as expectativas criadas a partir do segmento textual anterior, em que se descreve *briga de mulheres* como *coisa baixa, quase sempre abjeta*. É interessante notar que, nessa ocorrência, *ainda assim* justapõe-se à conjunção coordenativa adversativa *mas*, o que fortalece a contraexpectativa implicada por *ainda assim*. Seguindo Neves (2011), pode-se dizer que, em (8), o conectivo *mas* estabelece uma contraposição entre o segmento que prefacia e o segmento anterior numa negação de inferências; *ainda assim*, segundo a autora, é um recurso formal na indicação da “insuficiência da asseveração para permitir a inferência” (NEVES, 2011, p. 276).

Em síntese, quanto às propriedades funcionais de *ainda assim*, deve-se destacar: (i) a sua natureza conectiva, sequenciando segmentos textuais num movimento retroativo-propulsor, e (ii) sua natureza adversativa, marcando linguisticamente oposição de ideias e quebra de expectativas.

2.2. Propriedades formais de *ainda assim*

Esta segunda seção tem por objetivo traçar algumas considerações a respeito do grau de fixação interna da forma perifrástica *ainda assim* e de seu estatuto léxico-gramatical.

Segundo Bybee (2010, p. 34), “a base cognitiva subjacente à morfossintaxe e a sua organização hierárquica é o *chunking* de experiências sequenciais que ocorre repetidamente.”⁶ Desse modo, este trabalho prevê que a formação de uma estrutura perifrástica como *ainda assim* se dá por meio de um processo cognitivo mais geral, denominado pela autora de *chunking*: uma relação sequencial desenvolvida entre duas ou mais palavras quando usadas frequentemente juntas.

Por outro lado, Bybee (2010, p. 44) assume que o *chunking*, enquanto mecanismo por trás da formação de unidades complexas da língua (como a perífrase *ainda assim*), afeta, de alguma maneira, a constituição estrutural interna dessas unidades, podendo envolver desde alterações fonético-fonológicas, até mudanças na estrutura semântica e morfossintática de uma expressão linguística. A autora se vale então da analisabilidade e da composicionalidade para analisar o efeito do *chunking* sobre a estrutura de uma expressão linguística.

⁶ No original: “The underlying cognitive basis for morphosyntax and its hierarchical organization is the chunking of sequential experiences that occurs with repetition.” (BYBEE, 2010, p. 34)

Segundo Bybee (2010, p. 45), a analisabilidade diz respeito ao “reconhecimento pelo usuário da linguagem das palavras individuais e dos morfemas de uma expressão, bem como de sua estrutura morfossintática.”⁷ Nesse sentido, pode-se tratar a forma *ainda assim* como analisável, já que é possível reconhecer as palavras individuais que a compõem, assim como seus significados e as relações entre elas, conforme se demonstrará na sequência.

A composicionalidade, por sua vez, refere-se, enquanto medida semântica, “ao grau de previsibilidade do significado do todo a partir do significado das partes componentes” (BYBEE, 2010, p. 45).⁸ Para Traugott e Trausdale (2013, p. 19), a composicionalidade está preocupada com a medida (ou o grau) em que, numa construção, o pareamento entre forma e significado se dá de modo transparente. Dessa forma, para os autores, a composicionalidade de uma construção deve ser entendida em termos de congruências ou incongruências entre forma e significado.

No caso de *ainda assim*, este trabalho defende, conforme exposto na seção anterior, que subjazem ao seu uso duas propriedades: o movimento retroativo-propulsor e o significado adversativo. Especificando melhor tal descrição, observa-se que:

- (i) no tocante à sequenciação retroativo-propulsora, o movimento retroativo instaurado por *ainda assim* corresponde, na verdade, à preservação da função anafórica de *assim*, enquanto o movimento propulsor se relaciona ao valor aditivo/expansivo de *ainda*;⁹
- (ii) à forma *ainda assim*, associa-se, gradativamente, um novo significado, o de adversidade ou de contraexpectativa, significado este não previsível a partir dos significados das palavras que compõe tal forma.

A forma *ainda assim*, portanto, constitui um exemplar revelador da gradualidade na emergência de novas construções, isto é, a presença do traço retroativo-propulsor no uso de *ainda assim* dá evidência da gradualidade na fixação dessa forma e na convencionalização de seu novo significado (o de adversidade). À luz das considerações de Bybee (2010) e de Traugott e Trausdale (2013), este trabalho, então, aborda *ainda assim* como forma perifrástica não totalmente composicional, apresentando um grau intermediário de composicionalidade.

Em face de sua analisabilidade e de seu grau intermediário de composicionalidade, opta-se por não considerar *ainda assim* como forma fixa do português, mas sim, conforme proposta de Keizer (2013), como expressão semifixa, ou melhor, como construção mista.

⁷ No original: “the language user’s recognition of the individual words and morphemes of an expression as well as its morphosyntactic structure.” (BYBEE, 2010, p. 45)

⁸ No original: “refers to the degree of predictability of the meaning of the whole from the meaning of the component parts.” (BYBEE, 2010, p. 45).

⁹ Fontes (2016) reconhece quatro usos de *ainda* no português contemporâneo; entre eles está *ainda* expansivo: mecanismo linguístico que, no sentido de *além disso*, *inclusive* ou *também*, sinaliza a inclusão de novas informações no fluxo discursivo.

Segundo Keizer (2013), uma estrutura semifixa, ou construção mista, tem um estatuto intermediário entre uma estrutura fixa, ou construção composicional, e um item lexical simples. Segundo a autora, um primeiro traço das estruturas semifixas é a possibilidade de variação: no caso de *ainda assim*, a posição de *ainda* pode ser preenchida por *mesmo* (*mesmo assim*), e, conforme aponta Lopes-Damasio (2011), *ainda assim* é uma forma variante de *mesmo assim*.

Não se assume, neste trabalho, a ideia de variação livre entre as formas *ainda assim* e *mesmo assim*; trata-se, na verdade, de dois construtos relacionados a uma construção parcialmente esquemática ($X + \textit{assim}$), isto é, trata-se de uma construção em que há uma posição fixa, preenchida pelo fórico *assim*, e um *slot* parcialmente aberto, que pode ser preenchido por partículas aditivas como *ainda* ou *mesmo* (cf. TRAUGOTT; TRAUSDALE, 2013, p. 14; BYBEE, 2010, p. 36). Nos termos de Traugott e Trausdale (2013), trata-se de uma construção com grau intermediário de especificidade, o que corrobora a defesa que aqui se faz em relação a sua estrutura semifixa.

Por outro lado, Keizer (2013) aponta que a estrutura de construções mistas é parcialmente previsível: no estado atual do português, é possível decompor a forma *ainda assim*, de modo que o valor aditivo de *ainda* e a função anafórica de *assim* se preservam na base dessa construção, adicionando-se gradativamente o significado adversativo.

Em suma, fica claro, em relação a *ainda assim*, que se preservam, em sua constituição estrutural e semântica interna, nuances dos significados de seus componentes (anaforicidade e adição/expansão), porém o significado adversativo se faz também bastante evidente, o que nos leva a considerar *ainda assim* numa posição intermediária entre um lexema simples e uma expressão fixa, isto é, trata-se de uma expressão semifixa, nos termos de Keizer (2013).

Keizer (2013) assume que as construções mistas devem ser listadas no léxico da língua. Além de sua variabilidade e de seu significado parcialmente idiossincrático, o estatuto lexical de *ainda assim* se comprova (i) pela possibilidade de ocorrer isoladamente, isto é, em certos contextos, *ainda assim* é autônomo, conforme demonstra (9a), e (ii) por sua mobilidade na oração, que pode ocorrer na adjacência de constituintes (cf. (9b)) ou no início da oração, seguido (cf. (9c)) ou não (cf. (9d)) de um conectivo.

- (9) a A: Eu não vou à festa.
B: E se a Maria pedir?
A: *Ainda assim!*
- b Preocupado, querendo mostrar-se atento, o dr, **Álvaro *ainda assim* ensaiava diversas vezes interromper o desembargador.** (19:Fic:Br:Teixeira:Rua)
- c Eu não estava gostando da conversa e ***ainda assim* tinha a tentação de assombrar aquele pessoal todo, até Laurindo, contando a verdadeira história de Lua Nova, o bandido da cara escura.** (19:Fic:Br:Queirós:Dora)

- d Por isso, quando chegamos, me pus de alcatéia, até que a surpreendi falando com ele através do gradil! Imaginem que ousadia! Chamei-a. ***Ainda assim demorou a obedecer, e foi trancar-se no quarto.*** (19:Fic:Br:Teixeira:Rua)

Em síntese, a defesa deste trabalho é a de que *ainda assim* corresponde, no português, a uma estrutura semifixa de estatuto lexical.

3. UMA REPRESENTAÇÃO DE *AINDA ASSIM* NA GDF

Para representar a forma *ainda assim* no modelo da GDF, é preciso determinar três aspectos básicos associados a seu uso numa expressão linguística: (i) suas relações de escopo, em termos de níveis e camadas da formulação; (ii) seu estatuto enquanto primitivo da formulação; por fim, (iii) os traços morfossintáticos que se associam a sua codificação no **Nível Morfossintático**.

O ponto de partida é **considerar** *ainda assim* como primitivo do Nível Interpessoal, o que se justifica tendo em vista que:

- (i) *ainda assim* funciona de modo semelhante ao descrito por Lang (2000) em relação às conjunções adversativas *but*, no inglês, e *aber*, no alemão, pois, assim como essas conjunções, *ainda assim* aponta “para informações prévias disponíveis no contexto e, por conta disso, [...] envolve algum retrocesso que pode ir além do domínio da estrutura sentencial, operando sobre [...] o nível da *progressão textual* ou da *perspectiva discursiva*” (LANG, 2000, p. 245, grifos do autor).¹⁰ Nesse sentido, *ainda assim*, ao instaurar um movimento retroativo-propulsor no texto/discurso, corresponde a um mecanismo utilizado pelo falante para garantir, de alguma forma, a receptividade, por parte do ouvinte, do fluxo de informações dispostas ao longo do texto/discurso;
- (ii) por outro lado, nos termos Lang (2000, p. 245), a adversidade veiculada por *ainda assim* não deve ser vista como “algo a ser procurado no mundo real, mas [como] algo a ser estabelecido pelos interlocutores ao avaliar o que [...] é apresentado como coexistindo no mundo.” (LANG, 2000, p. 245)¹¹

Esses pontos acima apresentados expõem não só a natureza interativa de *ainda assim*, que desempenha um papel no estabelecimento da interação entre falante e ouvinte, mas também sua natureza pragmática, enquanto mecanismo linguístico que modela a mensagem do falante conforme suas expectativas em relação ao estado mental do ouvinte.

¹⁰ No original: “contain pointers to previous information available from the context, and due to this [...] involve some backtracking that may well go beyond the domain of sentence structure and operates on [...] the level of ‘textual progression’ or ‘discourse perspective’.” (LANG, 2000, p. 245)

¹¹ No original: “something to be looked for in the real world but something to be established by the interlocutors in assessing what [...] is presented as co-existing in the world.” (LANG, 2000, p. 245)

Essa funcionalidade de *ainda assim*, aliada a sua natureza lexical, faz com que se analise tal forma, na GDF, como um modificador com dois escopos diferentes no Nível Interpessoal: o Conteúdo Comunicado (cf. (10a)) e o Ato Discursivo (cf. (10b-c)).

- (10) a Eu não tenho o teu coração. Vivo aqui sozinha e, **quem me faz companhia, ainda assim, é ela.** (19:Fic:Br:Neto:Turbilhão)
 NĪ: (A₁: [(C₁: - quem me faz companhia é ela – (C₁): *ainda assim* (C₁))] (A₁))
- b Mário de Andrade fez uma tiragem de 800 exemplares de Macunaíma e, **ainda assim, guardava um monte deles em sua casa.** (19Or:Br:Intrv:ISP)
 (e A₁: [– guardava um monte deles em sua casa –] (A₁): *ainda assim* (A₁))
- c Antes que me tocasse, senti sua presença feito um formigamento, calor crescente no ombro. Devia estar nessa posição há muito tempo, a mão suspensa como se me abençoasse, pois só depois que as outras pessoas no bar começaram a olhar foi que me voltei. **Ainda assim, demorei a ver seu rosto, um pouco acima da mão estendida.** Usava um anel de prata com a imagem de Jesus crucificado em relevo. (19:Fic:Br:Abreu:Onde)
 (A₁: [– demorei a ver seu rosto, um pouco acima da mão estendida –] (A₁): *ainda assim* (A₁))

Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 64) distinguem, na camada do Ato Discursivo, modificadores que permitem ao falante tecer algum comentário em relação ao Ato. Por exemplo, em (11a), a partícula do inglês *briefly*, de acordo com Keizer (2015), sinaliza uma propriedade estilística do Ato ali enunciado; em (11b-c), por outro lado, Pezatti (2014) afirma que (i) *primeiro* indica a precedência do Ato que escopa em relação aos outros que compõem o Movimento, e (ii) *por exemplo* caracteriza o Ato que precede como uma exemplificação do que se expressou anteriormente.

- (11) a *Briefly*, Murray won and Federer lost. (KEIZER, 2015, p. 59)
- b porque, *primeiro*, é que eu tive problemas mesmo com a família (PEZATTI, 2014, p. 113)
- c *por exemplo*, em S. Vicente isso já não acontece dessa maneira (PEZATTI, 2014, p. 113)

Ainda assim, ao assinalar o estatuto adversativo da unidade linguística que escopa – do Conteúdo Comunicado (cf. (10a)), ou do Ato Discursivo (cf. (10b-c)) – em relação a outra(s) unidade(s), assemelha-se a *primeiro* e *por exemplo*, em (11b-c), e, dessa forma, pode ser tratado como um modificador adversativo. Este

trabalho, portanto, considera *ainda assim* como um **modificador adversativo** do **Conteúdo Comunicado** ou do **Ato Discursivo**.¹²

É a disposição linear de *ainda assim* em (10a) e em (11) que dá evidências de seu escopo sobre o Conteúdo Comunicado: em (10a) e em (12), *ainda assim* se insere na fronteira entre constituintes oracionais, rompendo a adjacência sintática entre constituintes oracionais – em (10a) e em (12a), por exemplo, *ainda assim* se encaixa entre sujeito (*quem me faz companhia* e *o dr. Álvaro*) e predicado (é ela e *ensaiava*); o mesmo ocorre em (12b), em que *ainda assim* se interpõe entre o SN (*gestos*) e o SAdj (*muito discretos*).

- (12) a Lembremo-nos de que na Ásia, dr. Álvaro, na Sibéria, quando por lá ainda criavam barbas e piolhos os anarquistas de Dostoiévski e os complexados de Tolstoi, já havia o transcaucasiano e o transiberiano. Sim, do Cáspio a Samarcande e de Orenburgo a Vladivostok. **Preocupado, querendo mostrar-se atento, o dr. Álvaro *ainda assim* ensaiava diversas vezes interromper o desembargador.** (19:Fic:Br:Teixeira:Rua)

(A₁: [(C₁: – preocupado, querendo mostrar-se atento, o dr. Álvaro ensaiava diversas vezes interromper o desembargador – (C₁): *ainda assim* (C₁))] (A₁))

- b Os três homens e a mulher sentados no sofá nem se mexiam. De longe, como não dava para ouvir o que estava dizendo, mas apenas o som daquela voz que eu tinha ouvido pela primeira vez em E, a cena estática poderia lembrar uma fotografia se não fosse pelos eventuais movimentos dele. **Eram *gestos ainda assim* muito discretos**, o suficiente para salientar uma passagem do que dizia, ou reflexos de um raríssimo arrebato. (19:Fic:Br:Carvalho:Iniciais)

(A₁: [(C₁: – eram *gestos* muito discretos – (C₁): *ainda assim* (C₁))] (A₁))

Já seu escopo sobre o Ato Discursivo se evidencia por três fatos: (i) sua preferência pela posição inicial (cf. (13a)) ou, até mesmo, pela posição extraoracional (cf. (13b)), o que sugere escopo abrangente (para além do Conteúdo Comunicado, especificamente); (ii) sua combinatória com diferentes ilocuções, como Declarativa (cf. (13a-b)) e Interrogativa (cf. (13c)); (iii) seu escopo sobre modificadores de Ilocução (cf. (13d)).¹³

¹² É importante assinalar, aqui, a diferença entre Ato Discursivo e Conteúdo Comunicado. Segundo Kroon (1995, p. 65), Atos Discursivos são unidades minimamente identificáveis do comportamento comunicativo. Conteúdos Comunicados, por sua vez, enquanto parte dos Atos, correspondem à totalidade do que o falante deseja evocar na comunicação com o ouvinte (HENGEVELD & MACKENZIE, 2008, p. 87).

¹³ Ressalta-se que (13d) é um exemplo criado a partir da ocorrência (13b) com a intenção de mostrar que, sob o escopo de *ainda assim*, podem ocorrer modificadores de ilocução, como *francamente*.

- (13) a Felizmente, dentre esses, surgiu Eduardinho, que tomou a seu cargo desfazer o engano, **porém ainda assim não evitava as visitas maçantes**. Ele já era um homem de negócios e não podia estar a perder tempo. (19:Fic:Br:Rocha:Dusa)
(porém A_1 : [– não evitava as visitas maçantes –] (A_1): *ainda assim* (A_1))
- b Quando foi para a companhia, fiquei com seu solo. Ela foi maravilhosa, ensinou-me muito, **ainda assim foi difícilimo conseguir fazer**. (19Or:Br:Intrv:ISP)
(A_1 : [– foi difícilimo conseguir fazer –] (A_1): *ainda assim* (A_1))
- c E se eu fosse feia.. bem feia.. se.. por exemplo, eu tivesse bexigas e ficasse marcada, sem olhos, com a pele repuxada.. **ainda assim vocês gostariam de mim?** (19:Fic:Br:Lopes:Falência)
(A_1 : [– vocês gostariam de mim? –] (A_1): *ainda assim* (A_1))
- d Quando foi para a companhia, fiquei com seu solo. Ela foi maravilhosa, ensinou-me muito, **ainda assim, francamente, foi difícilimo conseguir fazer**.
(A_1 : [– francamente foi difícilimo conseguir fazer –] (A_1): *ainda assim* (A_1))

Todas as representações oferecidas (cf. (10), (12) e (13)) retratam a forma *ainda assim* como um primitivo (modificador) de constituição estrutural interna fixa e, assim, dão visibilidade apenas a seu significado adversativo, não retratando a propriedade de sequenciação retroativo-propulsora. De modo a dar representatividade não só a sua estrutura semifixa, mas também às duas propriedades subjacentes a seu uso (sequenciação retroativo-propulsora e adversidade), este trabalho, inspirado na proposta de Keizer (2013), propõe considerar *ainda assim* como um **modificador (adversativo) de estrutura interna complexa**: um modificador cuja estrutura interna se compõe de um Subato Referencial com núcleo vazio (\diamond), codificado pela forma anafórica *assim*, ao qual se atribui a função Contraste Expansivo (ContExp), codificada pelo item *ainda*.¹⁴

¹⁴ Na GDF, Contraste corresponde a um tipo de função pragmática, assinalando o desejo do falante em contrastar as diferenças entre Conteúdos Comunicados ou entre um Conteúdo Comunicado e informações disponíveis contextualmente. Pezatti (2014) propõe que se distingam três tipos de Contraste: (i) Contraste Expansivo, que, codificado por operadores como *também* e *além disso*, assinala a adição de uma informação a outra pressuposta ou já mencionada; (ii) Contraste Restritivo, que, codificado por operadores como *apenas* e *só*, corrige a informação pragmática do ouvinte, restringindo um conjunto de itens pressupostos àqueles que considera adequados; e (iii) Contraste Seletivo, que, codificado por operadores como *principalmente* e *sobretudo*, seleciona uma peça de informação como mais correta e adequada para integrar o conhecimento do ouvinte. Com base nessa tipologia, Fontes (2016) considera que *ainda*, em sentenças como *comecei a trabalhar como treinadora da equipe bauruense* e *ainda fiz alguns jogos como atleta até 1991*, corresponde a um mecanismo de marcação de Contraste Expansivo.

Em (14), são representadas, novamente, as ocorrências em (10), destacando, dessa vez, a estrutura interna complexa do modificador adversativo *ainda assim*.

- (14) a $(A_1: [(C_1: - \text{quem me faz companhia é ela} - (C1): [(R_1: \blacklozenge (R_1)_{\text{ContExp}}] (C1))] (A_1))$
 b $(e A_1: [- \text{guardava um monte deles em sua casa} -] (A_1): [(R_1: \blacklozenge (R_1)_{\text{ContExp}}] (A_1))$
 c $(A_1: [- \text{demorei a ver seu rosto, um pouco acima da mão estendida} -] (A_1): [(R_1: \blacklozenge (R_1)_{\text{ContExp}}] (A_1))$

As representações em (14) captam bem a estrutura semifixa de *ainda assim*, já que preservam as funcionalidades próprias de *ainda* (marcador da função Contraste Expansivo) e de *assim* (elemento anafórico) e, também, dão representatividade à propriedade de sequenciação retroativo-propulsora. Elas, além disso, permitem representar o pareamento do significado adversativo, salientando o incipiente estatuto de modificador adversativo de *ainda assim* nas camadas do Conteúdo Comunicado (C) e/ou do Ato Discursivo (A).

No Nível Morfossintático, a forma *ainda assim* é codificada como um padrão (ou *template*) semifixo, conforme proposta de Keizer (2013). Essa ideia da autora em prever, no Nível Morfossintático, um padrão semifixo capta bem estruturas em que há um nível intermediário de composicionalidade, analisabilidade e de fusão interna, já que as formas preservam suas fronteiras morfossintáticas e se encontram numa incipiente fixação.

Em (15), representam-se as ocorrências em (10) e verifica-se que, no interior do padrão semifixo $[(X_w) (X_w)]$, *ainda* e *assim* preservam suas fronteiras morfológicas. Além disso, nota-se que a forma semifixa *ainda assim* se codifica em duas camadas morfossintáticas distintas: o da Oração (cf. (15a)), quando seu escopo no Nível Interpessoal é o Conteúdo Comunicado, e o da Expressão Linguística, quando seu escopo no Nível Interpessoal, é o Ato Discursivo (cf. (15b-c)).

- (15) a $(Cl_1: (Cl_2: - \text{quem me faz companhia} - (Cl_2)) [(G_w: - \text{ainda} - (G_w)) (G_w: - \text{assim} - (G_w))] (Vp: - \text{ser} - (Vp)) (Gw: - \text{ela} - (Gw)) (Cl_1))$
 b $(El_1: [(G_w: - \text{ainda} - (G_w)) (G_w: - \text{assim} - (G_w))] (Cl_1: \text{guardava um monte deles em sua casa} (Cl_1)) (El_1))$
 c $(El_1: [(G_w: - \text{ainda} - (G_w)) (G_w: - \text{assim} - (G_w))] (Cl_1: \text{demorei a ver seu rosto, um pouco acima da mão estendida} (Cl_1)) (El_1))$

Quanto à ordenação, *ainda assim*, na Oração e ao romper a adjacência de constituintes, pode ocupar a posição P^{I+1} , quando se insere entre sujeito e predicado (cf. (16a)), ou a posição P^{F-1} , quando interrompe a adjacência entre verbo e complemento (cf. (16b)).

- (16) a Preocupado, querendo mostrar-se atento, **o dr. Álvaro *ainda assim* ensaiava diversas vezes interromper o desembargador.** (19:Fic:Br:Teixeira:Rua)

$P^{pré}$	P^I	P^{I+1}	P^M	P^{F-1}	P^F
preocu- p a d o , querendo mostrar- -se atento	o dr. Álvaro	a i n d a assim	ensaiava	diversas vezes	interrom- per o de- sembarga- dor

- b E a comenda chegou. Foi só depois de comendador que Teodoro se sentiu vexado daquela habitação e se mudou para um segundo andar da rua da Candelária, que mobiliou a vinhático, com exuberância de cromos pelas paredes. **Achou, *ainda assim*, que à sua casa alegre faltava qualquer coisa.** Viera-lhe a dispepsia. Que insônias! (19:Fic:Br:Lopes:Falência)

P^M	P^{F-1}	P^F
achou	ainda assim	que à sua casa alegre faltava qualquer coisa. Viera-lhe a dispepsia

Já na Expressão Linguística, *ainda assim* ocorre preferencialmente na posição extraoracional $P^{pré}$ (cf. (17a-b)) e só ocupa a posição inicial da Oração, especificamente P^I , quando a posição $P^{pré}$ já está ocupada por um constituinte hierarquicamente superior, como, por exemplo, os conectivos *e* e *mas* (cf. (17c-d)).

- (17) a A Idalina reclamou da minha mania de fechar a porta à chave. ***Ainda assim* vivo conferindo se os cadernos estão na gaveta.** (19:Fic:Br:Resende:Braco)

$P^{pré}$	P^{centro}
ainda assim	vivo conferindo se os cadernos estão na gaveta

- b Decadente, a família tinha desmembrado a fazenda de cana e se desfeito aos poucos de lotes de terra numa espécie de reforma agrária involuntária, não sem antes restaurar por uma pequena fortuna, pelo que diziam, gastando o que lhes restava, o interior da casa com o auxílio de um célebre arquiteto americano, que se encarregou de dar à sede na serra a incongruência horizontal de um interior típico das pradarias. ***Ainda assim*, era uma casa fabulosa.** (19:Fic:Br:Carvalho:Iniciais)

- $P^{pré}$ P^{centro}
- ainda assim** era uma casa fabulosa
- c Mário de Andrade fez uma tiragem de 800 exemplares de Macunaíma e, **ainda assim, guardava um monte deles em sua casa.** (19Or:Br:Intrv:ISP)
- $P^{pré}$ P^I P^M P^{M+1} P^F
- e **ainda assim** guardava um monte deles em sua casa
- d Isso provoca confusão e o interesse de cientistas. A explicação quando chega pode decepcionar alguns, **mas ainda assim a fita mantém o interesse.** (19N:Br:Cur)
- $P^{pré}$ P^I P^{I+1} P^M P^{M+1}
- mas **ainda assim** a fita mantém o interesse

Em síntese, este artigo defende que *ainda assim* corresponde a um modificador (adversativo) de estrutura interna complexa do Nível Interpessoal, assinalando o estatuto adversativo da unidade linguística que escopa, o Conteúdo Comunicado ou o Ato Discursivo, num movimento retroativo-propulsor, sendo esse movimento discursivo uma permanência das funcionalidades originais de *ainda* (função Contraste Expansivo) e de *assim* (forma anafórica/ núcleo vazio). Dessa forma, a estrutura interna desse modificador – $[(R_1: \blacklozenge (R_1)_{ContExp})]$ – caracteriza-se por um Subato Referencial de núcleo vazio (\blacklozenge), ao qual se atribui a função Contraste Expansivo (ContExp). No Nível Morfossintático, essa forma é codificada, no interior da Oração ou da Expressão Linguística, como um padrão semifixo (KEIZER, 2013) do tipo $[(G_w: - ainda - (G_w)) (G_w: - assim - (G_w))]$.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A forte orientação tipológica, aliada a um posicionamento no caminho entre formalismo e funcionalismo radicais, tem, de certa maneira, influenciado um aspecto da construção do modelo da GDF: a distinção, de modo discreto, dicotômico e estanque, de categorias linguísticas, não prevendo espaço para a *gradualidade* de formas e elementos linguísticos, isto é, para categorias fluidas e/ ou para formas híbridas, não discretas, semifixas.

A análise que aqui se propõe aborda seu objeto de estudo, a perífrase *ainda assim*, como forma semifixa de estatuto lexical. A proposta central desta investigação é abordar, na GDF, *ainda assim* como um modificador adversativo de estrutura interna complexa, no Nível Interpessoal, codificado, no Nível Morfossintático, por um padrão semifixo.

Ao rejeitar uma abordagem discreta e dicotômica do léxico e da gramática, Brinton e Traugott (2005) mostram que as formas lexicais e gramaticais que

compõem o inventário de uma língua estão dispostas num contínuo como o que se apresenta na figura 1.

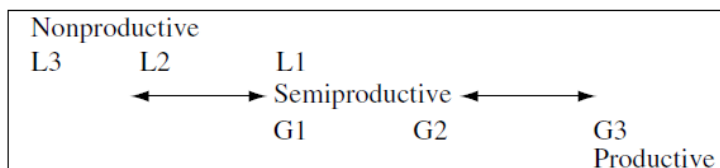


Figura 1. Contínuo sincrônico de lexicalidade/gramaticalidade (TRAUGOTT; BRINTON, 2005, p. 94)

O contínuo de formas na figura 1 conjuga diferentes níveis de lexicalidade e de gramaticalidade. Para Brinton e Traugott (2005, p. 94), o *cline* de lexicalidade, além do fator produtividade, define-se conforme o grau de fusão na constituição estrutural interna de uma forma linguística, principalmente quanto a seu grau de composicionalidade. São previstos, assim, os três níveis seguintes de lexicalidade:

- L1: Sintagmas parcialmente fixos, como *lose sight of, agree with*;
- L2: Formas semi-idiossincráticas complexas, como *unhappy, desktop*;
- L3: Simplexos (*simplexes*) ou formas idiossincráticas maximamente não-analisáveis, como *desk, over-the-hill*.

Por outro lado, Brinton e Traugott (2005) preveem que qualquer item gramatical mantém algum tipo de relação morfosintática com outro elemento linguístico, um elemento externo a ele, denominado, pelas autoras, de *hospedeiro externo* (*external host*). Então, os autores distinguem os diferentes graus de gramaticalidade a partir da fusão de um item gramatical a seu hospedeiro externo, diferenciando:

- G1: formas perifrásticas em estágios bastante incipientes de gramaticalização, por exemplo as perífrases do inglês *be going to, as far as, in fact*;
- G2: formas semipresas (no inglês, *semi-bound forms*), como as palavras funcionais e os clíticos, tendo, por exemplo, no inglês, os auxiliares *must* e *'ll*, a preposição *of*, e o *genitivo 's*;
- G3: afixos, como os morfemas derivacionais que mudam a classe do radical (por exemplo, *-wise*, em inglês) e os morfemas flexionais, inclusive a flexão zero.

Tomando a descrição oferecida à perífrase *ainda assim*, que a considera como forma não totalmente idiomatizada e com grau intermediário de composicionalidade, pode-se considerar, nos termos de Brinton e Traugott(2005), *ainda assim* como forma semi-idiossincrática complexa, ocupando a posição L2 no cline de lexicalidade.

Além disso, se, de acordo com Brinton e Traugott (2005, p. 96), “o output da lexicalização é um item lexical, isto é, um item de conteúdo que é armazenado no inventário e deve ser aprendido pelos falantes”,¹⁵ pode-se tomar a emergência da forma *ainda assim* como um caso de lexicalização em progresso, já que ao envolver “mudanças do gramatical ao lexical, o item vem a ser semanticamente pleno.” (TRAUGOTT; BRINTON, 2005, p. 96)¹⁶

A gradiência própria de *ainda assim*, que se encontra entre o pólo do não-idiomatizado/composicional e o pólo do idiomatizado/não-composicional, isto é, encontra-se a meio caminho de seu percurso de lexicalização, faz com que este estudo sugira distinguir, no interior do arcabouço teórico-metodológico da GDF, um tipo específico de primitivo da formulação, o modificador de estrutura interna complexa, capaz de representar essa gradiência típica de estruturas, ou construções, que estão em processo de lexicalização

A adoção, no Nível Morfossintático, de um padrão semifixo, conforme propõe Keizer (2013), parece dar conta do grau intermediário de fusão interna de formas como *ainda assim*, que estão em processo de lexicalização, isto é, que, de certa forma, preservam, em sua representação morfossintática, suas fronteiras sintagmáticas/morfológicas.

REFERÊNCIAS

- BRINTON, L.; TRAUGOTT, E. *Lexicalization and language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- DAVIES, M.; FERREIRA, M. *Corpus do Português: 45 millionwords, 1300s-1900s*. 2006. Available online at <http://www.corpusdportugues.org>.
- FERREIRA, B. Rota de Gramaticalização dos advérbios *ainda* e *sempre*. *Filologia e linguística portuguesa*, n. 13, v. 2, p. 505-516, 2011.
- FONTES, M. G. A distinção léxico-gramática na Gramática Discursivo-Funcional: uma proposta de implementação. 2016. 236 f. *Tese* (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2016.
- HEINE, B.; CLAUDI, U; HÜNNEMEYER, F. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.
- HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. *Functional Discourse Grammar: a typologically-based theory of language structure*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

¹⁵ No original: “The output of lexicalization is a ‘lexical’, i.e., contentful item that is stored in the inventory and must be learned by speakers.” (TRAUGOTT; BRINTON, 2005, p. 96)

¹⁶ No original: “when lexicalization involves changes from grammatical to lexical the item comes to be semantically contentful.” (TRAUGOTT; BRINTON, 2005, p. 96)

- KEIZER, E. The *X is (is)* construction: an FDG account. In: MACKENZIE, J. L.; OLBERTZ, H. (eds.). *Casebook in Functional Discourse Grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 2013. p. 213-248.
- KEIZER, E. *A Functional Discourse Grammar for English*. Oxford: Oxford University Press, 2015.
- KROON, C. *Discourse Particles in Latin*. Amsterdam: Gieben, 1995.
- LANG, E. Adversative connectors on distinct levels of discourse: A re-examination of Eve Sweetser's three-level approach. In: COUPER-KUHLEN, E; KORTMANN, B; (eds.). *Cause, condition, concession, contrast: cognitive and discourse perspectives*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter; 2000. p. 235-256.
- LONGHIN, S. R. Emergência de juntores contrastivos na história do português: contexto, polissemia e subjetivização. *Filologia e Linguística Portuguesa (Online)*, v. 18, p. 263-299, 2016.
- LOPES-DAMASIO, L. R. Diacronia dos processos constitutivos do texto relativos a “assim”: um novo enfoque da gramaticalização. 2011. 284f. *Tese* (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2011.
- NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora da UNESP, 2011.
- PEZATTI, E. G. *A ordem das palavras no português*. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- SCHWENTER, S. Viewpoints and polysemy: linking adversative and causal meanings of discourse markers. In: COUPER-KUHLEN, E; KORTMANN, B; (eds.). *Cause, condition, concession, contrast: cognitive and discourse perspectives*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter; 2000. p. 257-281.
- TAVARES, M. A. Um estudo variacionista de *ai*, *daí*, *então* e *e* como conectores sequenciadores retroativo-propulsores na fala de Florianópolis. 1999. 175f. *Dissertação* (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Florianópolis, SC, 1999.
- TAVARES, M. A. Conectores sequenciadores E, AÍ e ENTÃO na fala de Natal (RN): indícios de especialização funcional. *Interdisciplinar* : Revista de Estudos em Língua e Literatura, v. 12, p. 195-213, 2010.
- TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

Recebido: 6/12/2018
Aceito: 25/03/2019
Publicado: 16/04/2019